

# Na Primeira Pessoa

# Mira Perlov

## Da fuga ao Holocausto a um amor pelo cinema que já não há

Em Outubro, no DocLisboa, um dos grandes acontecimentos foi a exibição de *Diary*, um épico documental de seis horas, realizado entre 1973 e 1983 em Telavive, Paris e Brasil, pelo israelita David Perlov (1930-2003).

Mira Perlov, viúva do cineasta, produtora e uma das protagonistas do filme, veio então a Lisboa apresentar a obra. Depois da maratona, no Cinema São Jorge, contou ao P2, em português do Brasil, a história de como sobreviveu ao Holocausto, conheceu David e ambos partiram para Israel.

Por Alexandra Lucas Coelho

● Nasci em Cracóvia, na Polónia, em 1933. Tenho 74 anos. Nunca acredite que a velhice é boa. É terrível. Há um documentário em que a Agnés Varda dirige a câmara para si própria, a passeia no braço, e diz: “Quel horreur...”. Ela é mais velha do que eu, mas não muito. Não vamos falar disso.

O meu pai era um judeu religioso de uma cidadezinha perto de Cracóvia. Tornou-se um homem rico, industrial de seda. Apaixonou-se pela minha mãe, uma mulher extraordinariamente bonita, muito diferente dele, muito vaidosa. Muito Viena. Havia Viena, Paris e Berlim. Cada lugar tinha as suas atracções, e Viena era opereta. Também tinha Freud, grande arte, grande literatura, mas tinha esse lado leviano, e a minha mãe era um pouco assim. Foi um casamento não dos mais felizes.

Quando a guerra estourou, eu tinha seis anos. Estávamos vivendo em Lodz. Tínhamos voltado de férias e eu ia para o primeiro ano escolar. Nunca mais fui. Na nossa casa, moraram dois oficiais alemães, porque era um apartamento rico e eles procuravam lugares de conforto. Lembro-me de as botas deles, entrando, saindo. O meu pai tinha partido antes da guerra, para Kovno, na Lituânia. Os judeus estavam certos de que a guerra levaria alguns meses, então os homens iam, pensando voltar logo. Em Kovno, havia um cônsul japonês que dava vistos. O meu pai conseguiu esse visto, atravessou a Rússia toda e em Vladivostok pegou um navio. Chegou no Japão e foi preso. Pensavam que era espião. Quem o salvou foi um Mitsubishi, de uma família que trabalhava em seda. E do Japão, o meu pai conseguiu um visto para o Brasil.

Nós - ainda somos três irmãs - fomos de Lodz para Cracóvia, onde morava a minha avó, e lá, com dinheiro, conseguimos papéis falsos. E começou a odisseia pela Europa.

### Salvas por milagre

Saímos da Polónia com os últimos, já em 1940. Passámos a fronteira, Hungria, Jugoslávia, Itália. Na Jugoslávia, fui para a escola. Morávamos numa rua alta, numa cidadezinha ao lado de Belgrado. Os alemães faziam as *aktionen*, vinham e pegavam os judeus. Planeavam isso para as vésperas das festas judaicas. Na véspera de Purim [Carnaval judaico], nós já estávamos sentadas, esperando, com mochilas nas costas. Eles pegaram toda a rua e simplesmente não subiram à última casa. Estamos salvas por milagre. Os que se salvaram nessa guerra foi por dinheiro e acaso. Lembro-me de que meninas com as quais brincava foram e nunca mais voltaram.

Da Jugoslávia, passámos para Itália. A minha mãe mandou-nos estudar italiano, porque os judeus acreditam em línguas. Se tem três, quatro meses, tem que aproveitar e estudar a língua.

Chegámos a Espanha em inícios de 1942. A história bonita é que, em Cádiz, havia esses intermediários que arrumavam papéis e vistos. Apareceu um, e a gente queria um visto para o Brasil. Ele disse que não dava, porque o [Presidente] Getúlio Vargas não deixava entrar judeus. O Brasil estava piscando um bocadinho para o nazismo, por causa do Getúlio. Tinha muitos alemães no Sul do Brasil, em Porto Alegre. Então o intermediário disse que havia duas opções, Haiti e Paraguai. A minha mãe mandou a minha irmã comprar um atlas para ver qual era mais próximo! E fomos



As filhas gémeas de Mira e David, Yael e Noemie, nasceram em 1959, em Israel, num *kibbutz* que a família deixou em 1961

para o Paraguai.

Na escala em Santos, depois de três anos em que não tínhamos visto o meu pai, ele subiu no navio para nos abraçar e ficou algumas horas connosco. Eu não conseguia largar a mão dele. Mas nós não podíamos descer.

Assunção era uma cidade pequena. Fui para a escola, aprendi espanhol, mas sentia-me muito estranha, não tinha nenhuma amiga.

Ficámos um ano, até que Getúlio, forçado pelos Estados Unidos, entrou na guerra e abriu as portas aos judeus.

Chegámos a São Paulo em 1943. Eu tinha dez anos. Como havia guerra, o meu pai tinha uma fábrica de peças de armas. Depois abriu de novo uma tecelagem. Tornou-se de novo um homem rico.

Mas a vida de uma pessoa que passou a infância na guerra nunca mais é normal. As coisas ficam.

### A resposta sionista

No pós-guerra, certa parte da juventude judia brasileira começou a sentir que tinha que dar uma resposta ao Holocausto. E apareceram os movimentos sionistas. Em 1948, foi a independência de Israel e conheci David [Perlov, seu futuro marido] no Movimento Sionista Socialista. Estávamos lá mais pelo socialismo, sobretudo o David. Porque, apesar de o avó e de o pai terem nascido na Palestina, ele era totalmente assimilado. Gostava do Brasil, de tudo o que era brasileiro. Não gostava muito dos judeus brasileiros, achava que viviam isolados, entre si, na sua maioria pequenos comerciantes. Mas não podia ficar insensível ao que tinha acontecido.

No movimento, ele tornou-se um líder carismático, talvez por ser também um artista. Quando o conheci, eu tinha 16 anos e ele 19, e ele já pintava. Era um artista no próprio *aproach* à vida. Levávamos a sério as camisas azuis, a disciplina, aquela ideologia. Nós nos queríamos proletarizar. E o David, que conhecera a pobreza verdadeira, tinha um sentido de ironia. Eu era guia de um grupo de crianças menores. Uma vez ele entrou numa actividade em que eu estava falando

e depois me deu uma “lavada”. “O que é que você sabe de pobres e de proletários? Porque é que você fica falando em socialismo?” Porque ele veio lá de baixo e achava todo o mundo pequeno-burguês. Tinha um ódio à burguesia. Só achei esse ódio anos mais tarde, quando li textos de Pasolini.

Eu já estava com o olho em cima do David. Todo o mundo estava. Mas ele gostou de mim. Eu era meio bonita, pelas fotografias que vejo. Fomos para um acampamento em Petrópolis, um lugar bellissimo, muito bom para a gente se apaixonar. Ele disse que me queria desenhar. E o desenhar terminou em mais. Foi uma paixão muito grande. Muito grande. Sentia-me um pouquinho tímida com ele. Sentia-me de verdade uma pequeno-burguesa.

Eu já estava mal com a família por causa da religião do meu pai. Quando reencontrei o meu pai no Brasil, me identifiquei com ele. Aos 11, 12 anos, tornei-me religiosa, atravessava São Paulo para ir à Sinagoga. Mas aos 14 larguei tudo e entrei numa célula comunista. Depois começou a época sionista. As minhas irmãs eram pelo caminho da família. Eu era diferente. Comecei a leccionar Inglês aos 15, para ser independente. E uma vez resolvi dar uma aula em casa mesmo no Yom Kippur. As minhas irmãs entraram